

Conferência de Gilberto Safra*

“Dimensões do silêncio: a constituição do si mesmo e perspectivas clínicas”

Realizada na noite de 27/03/2009,
comemorativa do aniversário de 40 anos do CPRJ.

Boa-noite a todos.

Quero inicialmente agradecer o convite para estar aqui com vocês, neste dia de comemoração. Sinto-me profundamente honrado de poder celebrar com vocês este momento histórico do Círculo. Inicialmente, seria interessante que eu pudesse localizar a partir de que lugar eu vou falar.

Considero fundamental o ensino de Freud, principalmente no que ele nos assinala como uma das facetas fundamentais da ética psicanalítica: a necessidade de nos mantermos em contínua reflexão e investigação sobre o psiquismo humano.

Penso que é também fundamental que nós, como psicanalistas, possamos estar sempre refletindo sobre o mal-estar em nosso tempo. Vejo que há necessidade de que possamos ouvir nossos analisandos, tendo em vista que o seu sofrimento expressa algo sobre o mal-estar contemporâneo.

Há uma relação intrínseca entre os modos de subjetivação, que nós encontramos na clínica e o modo como a sociedade e o mundo se organizam. Considero, por esta razão, extremamente importante que o Círculo tivesse escolhido o tema *Silêncio* para ser abordado ao longo dos trabalhos desse ano. Acho, portanto, muito importante nos questionarmos sobre o porque de nós, psicanalistas, consideramos valioso pensar sobre o silêncio? Acredito que

* Psicanalista, Prof. titular do Instituto de Psicologia/USP, Prof. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – Núcleo Psicanálise/PUC-SP.

abordar esse tema é sinal de que ele é uma das questões fundamentais em nosso tempo.

Ao longo da minha pesquisa, tenho estado bastante interessado nos sofrimentos contemporâneos e no que, na atualidade, nos é demandado na situação clínica para lidar com o que nós ouvimos de nossos analisandos. Em meu percurso, tenho tido Winnicott como interlocutor privilegiado, pelo fato de que considero importante o modo como ele aborda a sua prática clínica.

Sendo pediatra, Winnicott começou a se inquietar pelo modo como a medicina interferia na relação do bebê com a mãe. Esse fenômeno refere-se não só a relação mãe-bebê, mas também a um horizonte cultural excessivamente marcado por uma perspectiva tecnológica, a qual leva ao esquecimento os fundamentos da condição humana. Nesses fundamentos, penso que a dimensão do silêncio merece reflexão.

Entre os textos de Winnicott, considero bastante importantes, para pensarmos sobre esse tema, algumas páginas situadas na parte quatro, do livro *Natureza Humana*; mais especificamente, o capítulo 5, da parte 4.

Nesse capítulo Winnicott faz três perguntas, que devemos retomar:

- *Qual a base do indivíduo humano do qual o ser emerge do não ser?*
- *Qual a base da natureza humana em termos do desenvolvimento individual?*
- *Qual o estado fundamental, o qual todo indivíduo, ainda que mais velho e tendo vivido inúmeras experiências, pode retomar a fim de poder começar novamente?*

Vocês podem observar que essas três perguntas dirigem nossa atenção para os fundamentos do ser: como o ser acontece no ser humano.

Winnicott nos diz que esse estado originário, que é a base a partir da qual o ser surge do não ser, ao qual todo indivíduo pode retornar, é o estado de *solitude* (minha tradução).

Solitude é o estado no qual o indivíduo inicia a experiência de si, como só.

Winnicott afirma que a experiência de solitude, surge em meio a um paradoxo. Paradoxo é uma palavra extremamente usada por Winnicott. Podemos reconhecer ao longo do seu trabalho como ele afirma e reafirma que a condição humana só pode ser abordada, a partir de uma perspectiva epistemológica que contemple o paradoxo.

O ser humano parte da experiência de solitude em um fenômeno paradoxal. Ele diz:

É paradoxal o fato de que o ser humano inicia sua experiência de solitude num momento em que ele está numa relação de maior dependência. Trata-se de

uma dependência, segundo ele, que não pode ser reconhecida. Continuando, ele afirma: *esse estado de solitude surge de um estado de não estar vivo*. Há um estado de não estar vivo e um estado de solitude, que surge como experiência paradoxal, pelo fato de que há uma dependência absoluta, que oferta à criança a experiência de solitude que será fundamental na constituição de si mesmo.

A solitude surge no momento de dependência absoluta. Winnicott assinala que na dependência absoluta, no estado de solitude, acontece também o fenômeno de comunicação silenciosa. Tema que aparecerá melhor desenvolvido nos artigos de Winnicott da década de 60, nos quais desenvolve o tema da comunicação silenciosa que acontece entre o bebê e a sua mãe. Trata-se de uma comunicação que se dá por meio da experiência intercorpórea. A experiência de solitude, que possibilita a experiência de comunicação silenciosa, é ofertada pela mãe a criança. Segundo Winnicott, a mãe poderá ofertar essas possibilidades ao seu bebê, desde que amparada pelo pai.

Ao longo do processo maturacional, há no ser humano um desejo contínuo de retornar à experiência de solitude, de silêncio, de comunicação silenciosa. No entanto, ao longo do percurso de uma pessoa, diferentes ansiedades interferem nesse anseio, o que dificulta ao indivíduo a possibilidade de vir a alcançar novamente o estado de silêncio, que paradoxalmente é vivido como experiência de presença.

Na clínica, inúmeros pacientes não vivem o silêncio como experiência de presença, mas sim, como experiência de queda. Portanto, eles vivem o silêncio como proximidade de agonia impensável. No entanto, é fundamental que a pessoa possa alcançar o silêncio como experiência de presença. Possibilidade relacionada ao encontro constitutivo entre o bebê, sua mãe e seu pai; que organize a situação originária de tal modo que a criança possa experimentar o encontro-presença, que lhe dá a experiência de silêncio, e que será a possibilidade de essa pessoa vir a repousar.

Freqüentemente, diz Winnicott, há um desejo de estar morto em nossos analisandos. Esse desejo é o modo pelo qual o indivíduo busca poder retornar à experiência de solitude, que só lhe aparece avizinhada como um *não estar vivo*.

Um dos aspectos muito importantes na constituição de si mesmo, e também importante na situação clínica, é compreendermos essa dimensão importante do silêncio e da solitude como experiência de si, para que possamos discriminar entre o registro do objeto e o registro da presença.

Se tudo correr bem, a mãe será hospitalidade encarnada para o bebê que chega, não apenas em sua função de maternagem, mas também como

rosto ético. Ela, desse modo, oferta ao bebê um encontro fundante. A mãe poderá vir a ser, para o bebê, objeto-presença, objeto sem-presença ou só presença.

O bebê necessita de encontro com outro humano, que possa ser objeto e presença. O bebê que encontra mãe só objeto, é um bebê que não pode experimentar a presença e o silêncio, o repouso e o estado de quietude. Essas crianças tendem a se organizar defensivamente em hiper-atividade.

Há mãe que é objeto e presença. Ela é objeto quando o bebê se move em sua direção, sustentado pela necessidade do objeto. Nesse momento, o objeto é criado pelo gesto que o bebê faz em direção à sua mãe. Ela coloca o seio ali, onde o bebê faz o gesto que o cria, a partir da necessidade. O ser humano necessita encontrar a mãe como objeto, mas encontrá-la como objeto só terá sentido se essa experiência for constituída a partir do silêncio. Esses fenômenos são parte do *holding*, situação na qual a mãe poderá ser presença, já que possibilitou ao bebê ser no estado de quietude.

A mãe que é só presença, sem poder ser objeto, é aquela que não acolhe e não permite o desenvolvimento da vida instintual do bebê. O bebê fica como que desencarnado.

Essas facetas da maternagem são também condições originárias e éticas do encontro humano, inclusive presentes na situação clínica. A partir dessas colocações podemos também refletir sobre a importância dessas três posições no manejo analítico.

O analista pode ser analista-objeto, sem presença. Perspectiva que preocupou Winnicott, quando discutia situações nas quais a análise levava o analisando ao estabelecimento de um falso *self* psicanalítico. O analista precisa estar no campo psicanalítico realizando as intervenções demandas pelo processo. Nessa posição o analista pode estar disponível como objeto, mas precisa também ser presença. Ele só será presença se puder ser silêncio, que acolhe a singularidade do outro. Esta interface entre intervenção analítica e silêncio-presença é aspecto ético e fundante da situação analítica.

Complicado é também o analista que só é presença, só silêncio. Nesse caso ele acaba convidando o analisando a cair em um abismo insuportável.

A experiência de encontro do objeto possibilita a ação no mundo, a constituição de objetos favorecendo a abertura para a realidade. A experiência de presença possibilita o estabelecimento do estado de quietude e o encontro do silêncio na interioridade do si mesmo. O silêncio na interioridade do si mesmo oferta morada ao núcleo do *self* que jamais se comunica.

Winnicott assinala que a invasão mais terrível é aquela que atinge esse

núcleo do *self*. O lugar onde cada ser humano é silêncio. Ele diz que esse tipo de invasão seria pior que o canibalismo; é pior que o estupro.

Nessa perspectiva, temos que estar conscientes que a análise implica em uma possibilidade de trabalho com o que alcançou registro da representação (derivado do encontro com os objetos). Mas, também, trabalhamos com o registro não representacional, que se relaciona com o núcleo do *self* não passível de ser comunicado, e que precisa encontrar a presença do outro que possibilite ao analisando o acesso a experiência de ser. O silêncio de si é paradoxalmente a presença silenciosa do outro.

Na situação clínica será fundamental perceber quando um analisando está em busca da experiência do encontro com a presença do outro, para que ele possa encontrar o silêncio de si. Na atualidade, encontramos com grande frequência pacientes que anseiam pelo silêncio, pela não-nomeação, pelo não representável. Questões decorrentes do mal-estar contemporâneo que se caracteriza pelo eclipse do silêncio e do ser.

Vivemos em uma situação na qual o mundo se apresenta como lugar de hiper-estimulação, marcado pela funcionalidade, em que tudo é imagem objetiva, mas com o desaparecimento da presença do silêncio.

Mundo-representação é campo de excessiva visibilidade, verborrágico, hiper-funcional. Nesse horizonte encontramos pessoas que se sentem atordoadas pela funcionalidade de tudo e que anseiam pelo encontro humano em que o rosto possa ser silêncio. Silêncio que seja hospitalidade, não indiferença.

Questão que me parece, assim, bastante importante para nós analistas, pois isso demanda que possamos reconhecer a importância da palavra e ao mesmo tempo a importância da não-palavra para estes analisandos. Essas pessoas, frequentemente, aparecem no processo analítico pelo negativo. Organizam um processo transferencial no qual buscam desconstruir o analista-objeto, o que pode acarretar impasses se nós não compreendermos a sua demanda e, equivocadamente, abordarmos esse modo de ser como resistência ou destrutividade.

São pessoas que precisam desconstruir o objeto para encontrar a presença, precisam desconstruir o excesso de funcionalidade na busca do silêncio, que possa devolvê-los aos fundamentos de si.

Em decorrência de meu interesse em estudar as subjetividades contemporâneas, tenho visto e acompanhado, na situação clínica, inúmeras pessoas que se organizaram e se constituíram por excesso de objeto, sem a experiência de presença.

Um homem, que havia vivido em condições de intensa nomeação e visibilidade, disse, com satisfação, em um momento do processo analítico, que ele

tinha encontrado uma cratera numa das principais avenidas de São Paulo, que lhe possibilitava ver a terra. Afirmou em seguida: – *Se tem uma cratera nessa avenida, o mundo tem esperança.* Ele celebrava a visão da terra em meio a um mundo repleto de medidas.

O silêncio do encontro com a presença do outro, com a terra originária para além da funcionalidade, possibilita a experiência de descanso. Dormimos sobre a presença silenciosa do outro. O sono é impossível ali, onde não se encontra o silêncio que seja a presença.

Acorda-se em um estado de solidude para encontrar o outro como objeto. Aquele que não encontra o silêncio como presença também não pode acordar. Pessoas nessa condição encontram-se no estado de lucidez louca, na qual não é possível dormir, nem tampouco acordar.

Esse tipo de lucidez joga o indivíduo em uma experiência de profunda solidão que nada tem ver com a solidude descrita acima. Solidude implica a possibilidade de presença, solidão acontece diante da ausência do outro.

Indivíduos aprisionados em lucidez medonha, não podem dormir e nem acordar, vivem em contínuo estado de agonia, que pode levá-los a uma organização defensiva de tipo psicótica. Muitas dessas pessoas sentem-se tão sós, que se sentem fora da experiência de pertencer à humanidade.

Uma analisanda dizia: – *O meu desespero é que eu nem mesmo posso morrer; porque, para morrer, eu teria que ter nascido. E, eu, nem mesmo nasci. Eu me sinto como alguém, que está sempre diante de um jardim, onde nunca entrei e nem sei se vou entrar.*

Uma mulher começou a fazer análise quando tinha por volta de vinte e cinco anos e apresentava bulimia como sintoma. Uma das coisas, muito curiosa, em sua análise, foi o modo como compunha a sua sessão. Ela falava, às vezes, uma frase e, em seguida, ficava em silêncio. Essa frase, talvez, tivesse continuidade na próxima sessão e, depois de um mês, tínhamos um pensamento completo que nos possibilitava compreender algo sobre o que ela falava.

Havia uma questão importante na análise desta moça: o acesso objetal tinha que ser alcançado paulatinamente, em uma temporalidade que estivesse subordinada às suas necessidades.

Caminhamos durante alguns anos em um processo analítico, em o qual o silêncio foi fundamental. Algum tempo depois ela me revelou que o mais importante que havia acontecido na análise tinha sido a possibilidade do silêncio ter sido acolhido, sem excesso de interpretação. A análise tinha contemplado o ritmo que apresentava o modo de ser dessa analisanda.

Anos depois ela iniciou aulas de dança. Foi a primeira atividade da qual

ela participou que envolvia outras pessoas e o que a encantava era que na dança o ritmo dos corpos podiam conjugar-se. No ritmo, encontrava-se para ela a possibilidade de encontro com o outro.

O aspecto fundamental da análise foi, não tanto, o que foi interpretado, mas a sustentação do silêncio que significava a possibilidade do encontro de presença e que lhe ofertava a experiência rítmica de encontro.

Há pessoas que vivem uma lucidez medonha e se organizam em um tipo de funcionamento niilista. Elas precisam continuamente atacar tudo aquilo que é social e isto se transforma em um estilo de vida, mas guardam em si a esperança de encontro que as retire de um mundo organizado por artificios.

Uma menina de 16 anos havia tentado o suicídio, chegou para a primeira sessão vestida de preto, sem sobrancelhas e machucada. Ela dizia que queria destruir o mundo tanto quanto pudesse e depois iria se matar. A análise revelava que ela tinha se organizado por meio de um niilismo, na expectativa de poder realizar algum tipo de encontro ético que lhe possibilitasse recuperar a presença de si.

Durante muito tempo a análise era invadida por atuações de todos os tipos. Nas sessões próximas do final de semana mostrava-me comprimidos, por meio dos quais iria se matar. Um dia eu perguntei à ela:

– *Por que você precisa me torturar tanto?* Ela respondeu:

– *Eu não percebi, desculpe.*

Em seguida contou que quando menina sua mãe muitas vezes fazia-lhe confidências e lhe falava de seu desejo de se suicidar.

Certo dia comunicou que não poderia mais continuar a análise, pois estava gostando de vir às sessões e desabafou:

– *Você sabe que não posso gostar de nada! Então eu vou embora!*

Pedi-me para levar consigo a chave do consultório.

De vez em quando, quando eu me dirigia à sala de espera para chamar um analisando, encontrava-a na sala de espera. Pedia-me para conversar por cinco minutos. Contava-me algo significativo que acontecia em sua vida e ia embora.

Depois de 3 anos, ela me telefona e diz que estava pronta para voltar, para reiniciar sua análise. Estávamos frente a eventos em que foi preciso que ela destituísse o analista-objeto, para encontrar o analista-presença.

Nesse novo período, ela chegava às sessões, deitava-se no divã e olhava para mim e a sessão se passava com ela falando sobre o que achava que eu estava sentindo naquele dia. Ela era capaz de captar o que se passava comigo de maneira bastante acurada, o que era bastante incômodo.

Ela descrevia exatamente o meu sentimento naquele dia e depois me perguntava:

– *Verdade ou mentira?* Eu respondia:

– *Verdade.*

Esses movimentos repetiram-se muitas vezes, as sessões foram acontecendo, até que um dia ela me olhou e disse:

– *Você não me suporta mais! Para você, seria um alívio que eu não viesse mais! Verdade ou mentira?*

Respondi:

– *Verdade!*

Naquele dia ela me agradeceu por eu lhe falar a verdade. Comentou:

– *Desde criança percebo o que as pessoas sentem, mas quando eu dizia algo para elas, diziam que eu era louca.*

Vemos também, nessa situação clínica, a importância do encontro ético.

Em nosso trabalho é fundamental podermos recuperar a memória do que é originário na condição humana. A Psicanálise possibilita que possamos intervir, analisar o inconsciente, mas é importante que como analistas possamos acompanhar a situação histórica e perceber que temos que lidar, na atualidade, com a dimensão do que não é consciente e nem inconsciente. Essas são facetas da condição humana que só podem surgir na experiência de silêncio, o que nos obriga a colocar nossa técnica em questão, para redefinirmos a nossa posição diante do analisando como um lugar mais ético do que técnico.

O lugar ético demanda o enraizamento de si e da situação clínica no silêncio, que possibilite que possamos ser presença e objeto para nossos analisandos. Especialmente para aqueles que foram capturados pela mentalidade hegemônica do mundo, na qual observamos a ênfase na funcionalidade, na hiper-realidade, no excesso de palavras vazias.

Acho que vou parar por aqui. Muito obrigado!